



# A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE DOS PROFESSORES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JAGUARÃO, RIO GRANDE DO SUL

## THE FORMATION OF THE TEACHING IDENTITY OF TEACHERS OF SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICE OF THE MUNICIPAL EDUCATION NETWORK OF JAGUARÃO, RIO GRANDE DO SUL

Kennia Mendes Prietsch **1**  
Roberta Pasqualli **2**  
Verônica Moraes da Silva **3**

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é apresentar a percepção dos docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Rede Municipal de Ensino do município de Jaguarão, Rio Grande do Sul, acerca da formação de sua identidade docente. É uma pesquisa de natureza básica, qualitativa, exploratória e descritiva com procedimentos técnicos documental, bibliográfico e pesquisa de campo. Foi realizada com sete dos oito docentes de AEE de tal rede de educação no ano de 2022. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado. A análise dos dados seguiu as orientações da teoria da análise de conteúdo. Como resultados, considera-se que a formação da identidade dos docentes que atuam no AEE ocorreu por fatores externos e internos a sua formação o que, de forma geral, vai ao encontro do que a literatura especializada na área apresenta, ou seja, é necessário formação e profissionalização para trabalhar com AEE.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado. Identidade Docente. Formação Docente.

**Abstract:** The objective of this research is to present the perception of the teachers of the Specialized Educational Assistance (AEE) of the Municipal Education Network in the municipality of Jaguarão, Rio Grande do Sul, about the formation of their teaching identity. It is a basic, qualitative, exploratory and descriptive research with documental, bibliographic and field research technical procedures. It was carried out with seven of the eight AEE teachers from such an education network in the year 2022. Data collection was carried out through a structured questionnaire. Data analysis followed the guidelines of content analysis theory. As a result, it is considered that the formation of the identity of the teachers who work in the AEE occurred due to external and internal factors to their training, which, in general, is in line with what the specialized literature in the area presents, that is, it is necessary training and professionalization to work with AEE.

**Keywords:** Specialized Educational Service. Teacher Identity. Teacher Formation.

- 
- 1** Mestra em Nutrição e Alimentos e Bacharelada em Química de Alimentos (UFPEL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9835258907418720>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4991-292X>. E-mail: kenniaprietsch@hotmail.com
  - 2** Pós - doutor e doutor em Educação (UFRGS). Mestre em Ciência da Computação (UFSC). Graduada em Ciência da Computação (UNOESC). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6932842326580345>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8293-033X>. E-mail: roberta.pasqualli@ifsc.edu.br
  - 3** Licenciada no curso de Letras Português-Espanhol e suas Respectivas Literaturas (UNIPAMPA). Professora da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6304530193313939>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-6933>. E-mail: veronicamoralessilva@gmail.com
- 

## Introdução

A busca pela profissão docente pode iniciar na infância, através do que foi observado, vivenciado e, também, pelo processo de identificação com os professores durante a vida escolar. Essas memórias podem ser potencializadas na fase adulta quando o jovem ingressa na carreira docente, momento em que o conhecimento adquirido na formação é aplicado no estágio e no primeiro contato com a vida prática, assim reafirmando a sua própria identidade. (FRANCISQUINI, 2016).

Para Iza *et al.* (2014), a construção da formação da identidade docente acontece por meio de um processo dinâmico entre circunstâncias e formação universitária em três contextos: formação inicial e continuada, profissionalidade docente e saberes da experiência.

O contexto da formação inicial fala da importância da integração entre a universidade e a escola. Sua contribuição está na troca entre as reflexões do meio e a experiência do cotidiano. Quando se trata de formação continuada a parceria universidade e escola se mostra eficiente para que os docentes reconstruam a sua prática pedagógica. Com os outros é adquirido novos olhares em situações que possibilitam tomadas de consciência, reflexões, mudanças de postura e novas práticas pedagógicas. Além da formação inicial, a identidade é construída durante o exercício da função professor, pois compreende-se que a docência implica uma constante reflexão e investigação de sua própria prática (IZA *et al.*, 2014).

No contexto da profissionalidade docente, destaca-se que este conceito

designa primordialmente o que foi adquirido pela pessoa como experiência e saber e sua capacidade de utilizá-lo em uma situação dada, seu modo de cumprir as tarefas. Instável, sempre em processo de construção, surgindo do próprio ato do trabalho, ela se adapta a um contexto em movimento. [...] Ela requer uma aprendizagem permanente e coletiva de saberes novos e em movimento e se situa em um contexto de reprofissionalização constante. Ligada às interações no seio do mundo profissional, a profissionalidade leva mais em conta a história pessoal, social, técnica e cultural do indivíduo. Contrariamente à qualificação, ela evoca explicitamente a motivação, o sistema de valores e introduz no domínio profissional o que se origina no domínio privado. (COURTOIS *et al.*, 1996, p. 172).

Quanto aos saberes da experiência, estes referem-se àqueles saberes que são adquiridos no exercício da profissão. “Costuma-se dizer que são os saberes do ‘chão de giz’, ou seja, os professores adquirem no dia a dia em sala de aula, em contato direto com o ensino, com os estudantes e com as atividades da profissão” (BECK, 2017, n.p.).

Para Tardif, pesquisador expoente das pesquisas sobre saberes da docência, o saber da experiência:

[...] está imbricado no trabalho exercido pelo professor; que os saberes são plurais, diversos e de natureza diferentes; perpassa por um momento histórico profissional, sendo adquirido no contexto profissional e nas experiências individuais; a experiência é a condição para a aquisição e produção dos saberes; o profissional se relaciona com seu objeto de trabalho, por meio das interações humanas e por conseguinte, leva em conta os saberes dos professores e as realidades específicas do seu trabalho. (TARDIF, 2002, p. 18-23).

Sendo assim, considerando que o objetivo deste estudo é apresentar a percepção dos docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Rede Municipal de Ensino do município de Jaguarão, Rio Grande do Sul (RS), Brasil, acerca da formação de sua identidade docente,

considera-se que tal escolha profissional carrega muitos desafios e, entre eles, destaca-se o desafio de transformar a escola, não de forma igualitária mas, sim, de forma equânime. Para que isso aconteça é necessário transmutar a conduta dos profissionais para, assim, romper as numerosas barreiras históricas, financeiras, físicas e atitudinais ainda presentes nas escolas dos tempos atuais.

Sabe-se, entretanto, que esta transformação não é apenas de responsabilidade dos docentes, pois elas passam, também, pela criação de políticas de inclusão e pelo trabalho árduo de formação para a docência inclusiva. Para Arruda e Almeida (2014), a formação de professores para a inclusão escolar passa por várias ações de formação e, entre elas, destacam-se: a diferenciação do ensino, a parceria entre profissionais do ensino regular e da educação especial, mudanças atitudinais e reconhecimento da diversidade.

Em um primeiro momento, o intuito é apresentar a concepção teórica que norteia esta pesquisa. Tal fundamentação se organizará a partir dos três contextos apresentados anteriormente: formação inicial e continuada, profissionalidade docente e saberes da experiência. Em seguida, o propósito é delinear a metodologia utilizada para sua realização. Na sequência, apresenta-se os resultados e discussões da pesquisa.

Por fim, foram tecidas algumas considerações finais sobre a pesquisa e as referências utilizadas.

## Fundamentação Teórica

De acordo com o Art. 208 da Constituição Federal de 1988, é dever do Estado democrático brasileiro a garantia de AEE aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988). Este dever é reafirmado no Art. 27 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) que afirma que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Tem-se, nas políticas públicas brasileiras de inclusão, o braço do Estado que garante a abrangência do AAE em atividades instrucionais guiadas por profissionais para desenvolver o processo formador para cada estudante público da educação especial. Geralmente é oferecido em salas de recursos específicas ou multifuncionais, em classes e escolas regulares e/ou inclusivas, em classes e escolas especializadas ou em classes e escolas bilíngues, tanto no contraturno como nas salas de aula de maneira colaborativa, de forma complementar e suplementar. (BRASIL, 2020).

A Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência, trata da inclusão da educação especial no sistema educacional como modalidade educativa que abrange a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação próprios; a inserção, no referido sistema educacional, das escolas especiais, privadas e públicas; a oferta, obrigatória e gratuita, da Educação Especial em estabelecimento público de ensino; o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial a nível pré-escolar, em unidades hospitalares e congêneres nas quais estejam internados, por prazo igual ou superior a um ano, educandos portadores de deficiência; a matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem no sistema regular de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no inciso III do Art. 59 refere-se a dois perfis de professores para atuar com estudantes com necessidades educacionais especiais: o professor da classe comum capacitado e o professor especializado em Educação Especial. (BRASIL,

1996). Pensando no professor da classe comum que, em um paradigma inclusivo, atua com estudantes com características variadas buscando atingir o melhor nível de desenvolvimento de cada um, o denominado pela LDB como professor capacitado, percebemos o quanto a formação de professores tem sido inexpressiva no cumprimento desta tarefa (BRASIL, 2020).

Apresentado o contexto legal para a oferta de AEE, a sequência dessa pesquisa apresenta algumas reflexões sobre a formação da identidade docente.

## **Formação inicial e continuada como potencializador da formação da identidade docente**

A formação inicial do professor tem início no ingresso na escola como estudante, se estende por toda a vida escolar e estrutura-se na universidade. Esta formação implica criação, construção e constituição do ser professor. A construção do conhecimento profissional docente é um processo de reflexão de sua prática e ação assim consolidando a sua formação inicial (MUNSBERG; DA SILVA, 2014). Desta forma, segundo os autores entende-se que a prática docente é construída com o dia a dia e principalmente por meio da reflexão-ação-reflexão de sua ação.

Por outro lado, a formação continuada é construída por cursos, técnicas, em conjunto com reflexões de suas práticas em aula e (re)construção permanente de uma identidade profissional. Ela auxilia o docente e incorporar novos conhecimentos na vida profissional. “É sempre parte integrante da prática profissional do professor e tem a mesma importância da formação inicial” (AGUIAR, 2006, p. 163). Na sala de aula ocorre a interação professor-estudante assim, mutuamente, há construção do processo de ensino-aprendizagem. Ambos aprendem, todos se constituem, todos incorporam conhecimentos, valores e experiências. (MUNSBERG; DA SILVA, 2014).

Reis (2013) salienta que a formação inicial é um período onde o professor tem o contato com conhecimentos que provavelmente utilizará na sua prática pedagógica. E acrescenta ainda que

[...] somente essa formação não será suficiente para o desenvolvimento de conhecimentos que garantam a efetividade de uma prática pedagógica que contemple princípios inclusivos. Tais conhecimentos para uma gestão inclusiva só poderão ser adquiridos por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva. (REIS, 2013, p. 87).

Neste sentido, os currículos dos cursos de formação precisam assegurar que os professores saibam lidar com os estudantes em todos os aspectos do processo de formação. Além disso, é importante que os profissionais tenham oportunidade de se atualizar e se preparar continuamente para desenvolver e utilizar novas metodologias de ensino, com um trabalho coletivo e interdisciplinar, sendo este capaz de quebrar a fragmentação dos componentes curriculares.

A partir da premissa de que, enquanto professores é fundamental estar em contínua aprendizagem, procurando aprofundar conhecimentos teóricos e aprimorar a prática docente, é que emerge a discussão sobre o quão importante é o desenvolvimento de aulas formadoras de estudantes pensantes, críticos e reflexivos, aptos para aplicar os conhecimentos extraídos da escola na sociedade. Para tanto, é necessário vislumbrar a diferença entre formação inicial e continuada, passando pelo desafio da formação para a educação especial, até chegar na identidade docente de cada profissional.

Em relação a formação inicial é possível destacar que trata-se daquela formação que o professor adquire desde o momento no qual ingressa na escola, enquanto estudantes. Assim, é plausível que a cada novo conhecimento, nova experiência, novo contato com determinado conteúdo ele vá adquirindo saberes que, lá no futuro, contribuirá para sua prática enquanto professor. Dessa forma, torna-se significativo que o professor esteja apto a aprender, conhecer o novo e tomar posse de todo conhecimento ofertado na academia, tanto teórico quanto prático a fim de que a formação inicial contribua para que as transformações oriundas da sociedade sejam

apenas um degrau para o qual os professores estão preparados para subir.

Na formação continuada tem-se que todo professor enquanto profissional preocupado com o futuro de seus estudantes, precisa olhar para o todo, estando atento às mudanças e transformações no campo científico e, também, ao contexto social de cada estudante. Por isso, é fundamental estar em constante evolução, realizando cursos, grupos de estudos, congressos, palestras, seminários enfim, esforços realizados pelo professor para aprimorar o conhecimento adquirido na formação inicial, a fim de apresentar aos estudantes metodologias inovadoras, conhecimento especializado e enfrentamento às questões pontuais de possíveis falhas na educação.

Partindo do pressuposto de que o professor sai da universidade preparado para atuar com as diferentes dificuldades de aprendizagem dos estudantes percebe-se o quanto são importantes os processos de formação continuada, pois a educação inclusiva indica que os professores devem trabalhar em uma turma que, por vezes, possuem pessoas com deficiência. Desta forma, é fundamental que os professores estejam preparados para atender esse público, sempre partindo do bom senso, da capacidade de perceber a individualidade de cada estudante, suas características, seu processo cognitivo e o modo como pode, por meio de sua prática, contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o professor precisa inovar suas dinâmicas e melhorar sua prática a fim de atender essa demanda, sempre refletindo sobre o quanto o trabalho com a educação especial favorece o ser humano, tanto como profissional quanto ser humano empático.

Assim, entende-se que a identidade docente é construída ao longo da formação inicial, passando pela formação continuada, algo estável que vai tomando forma com o passar dos anos. Contudo, sabe-se que cada profissional precisa criar meios a fim de tornar sua identidade mais sólida, através da formação continuada e, também, da busca pelo conhecimento por meio de novas publicações sobre determinado assunto, criação de projetos nas escolas, enfim, transformar a gama de saberes teóricos em desafios que possibilitaram ao professor enxergar o mundo através da ótica presente na sociedade atual, por isso, é fundamental estar em constante aprendizagem.

## **Profissionalidade docente como potencializador da formação da identidade docente**

Enquanto profissionais preocupados com o processo de ensino-aprendizagem compreende-se que determinados saberes devem ser construídos conjuntamente com estudantes. É necessário fomentar questões não apenas de cunho conteudista, mas adentrar em conceitos transversais, trabalhando de forma interdisciplinar assuntos que fazem parte do dia a dia dos estudantes e que, muitas vezes, passam despercebidos pelos professores.

Assim, profissionalismo docente é a capacidade de, além de dominar o conteúdo de determinado componente curricular, saber ensinar e transmitir as principais ideias aos estudantes. Contudo, entende-se o quanto é complexo este assunto, por conta dos desafios tão pontuais, como problemas de aprendizagem, defasagem, problemas de cunho social, cultural ou histórico, o que acaba tornando este caminho um tanto quanto dificultoso e cheio de obstáculos.

Também, é necessário considerar que, com os avanços tecnológicos e com informações, muitas vezes, na palma da mão, alguns estudantes não querem mais saber de aulas tradicionais, na qual o professor passa o conteúdo no quadro e os estudantes são meros receptores e, por isso, o profissional da educação precisa estar atento às mudanças e aos desafios impostos no cenário escolar, a fim de obter resultados e atingir a crescente responsabilidade que vai acumulando ao longo da trajetória do professor. A formação inicial e continuada vai dar a base para todo o trabalho que será desenvolvido pelo professor, mas a profissão docente requer que estejamos preparados para adentrar ao contexto do estudante, conhecendo e promovendo possíveis metodologias, a partir da avaliação que deve ser feita com cada estudante.

Nesta direção, de acordo com Nascimento *et al.*, (2019) “[...] no processo de ensinar sempre falta algo a aprender e que se aprende muito ao ensinar. Não é o fato de ser novato ou veterano na profissão, que irá garantir a qualidade de ensino, mas a vontade e a disponibilidade de aprender sempre”.

Ademais, é necessário trabalhar nas quatro frentes: ensino, pesquisa, gestão e extensão. Obviamente, pode não se atingir todas as quatro estratégias, mas deve-se levar em conta a importância para a profissionalidade docente, uma vez que não atingi-las fará com que o professor seja menos valorizado, por isso é importante que o professor esteja sempre vigilante na sua carreira, refletindo sobre os caminhos que deve percorrer.

No que diz respeito ao trabalho docente com estudantes do AEE é necessário que haja articulação entre professor e estudante, professor e gestão escolar, professor e comunidade, enfim, a atividade do professor precisa ter relação com o meio em que os estudantes estão inseridos. Dessa forma, é capaz de obter bons resultados e incentivo aos educandos.

## **Saberes da docência como potencializador da formação da identidade docente**

A prática docente proporciona ao professor o privilégio de conhecer seu público-alvo e reconhecer as dificuldades dos estudantes, assim como desenvolver suas habilidades. Nesse sentido, é fundamental que nos cursos de licenciatura exista, sobretudo, atenção ao fato de que o professor vai se deparar com estudantes com necessidades educativas especiais, altas habilidades ou superdotação, portanto, se faz necessário que haja mais aporte teórico e prático, dentro das universidades e, posteriormente, nas escolas, pois cada estudante possui suas características específicas e, não, é possível trabalhar de forma generalizada.

É necessário entender que no contexto atual os protagonistas do saber precisam ser o estudante e a aprendizagem, já que as informações estão a disposição de qualquer criança. Contudo, é importante que haja incentivo, por parte dos professores, dos pais e da comunidade escolar em geral, a fim de estimular as habilidades individuais de cada estudante, oportunizando através de recursos tecnológicos e estratégicos, uma educação de qualidade.

A experiência com a prática pedagógica e da mesma maneira, a formação continuada, enriquece os métodos e processos de ensino-aprendizagem de determinada área, favorecendo o ensino e transformando a partir dos conhecimentos adquiridos na aprendizagem. Segundo Ribeiro et al. (2014) é urgente transformar os cursos de formação de professores, agregando ao currículo não apenas o componente curricular de educação especial mas, também acrescentar esta disciplina, ao estágio em todos os cursos de licenciatura, conforme trecho abaixo:

Os saberes apontados por estas pesquisadoras tornam indubitável e urgente a reestruturação dos cursos de formação de professores. No que tange à formação inicial, fica evidente que apenas o acréscimo da disciplina de Educação Especial no currículo não trará uma revolução na condição teórico-prática dos professores para a atuação em salas de aula inclusivas. (RIBEIRO *et al.*, 2014, p. 9).

Assim, é fundamental entender que bons professores são capazes de formar bons profissionais, bons cidadãos, ou seja, estudantes prontos para viver em sociedade, independentemente de suas peculiaridades, diferenças ou quaisquer outras barreiras que possam surgir no âmbito escolar. Para tanto, é extremamente importante que haja professores e gestores, preocupados com os seus estudantes, com sua realidade social e com suas necessidades educativas especiais.

Ademais, é interessante afirmar que, assim como, ocorrem mudanças na aprendizagem e/ou em nossa sociedade, é recorrente os obstáculos no percurso que cada professor percorrerá. Entende-se que mudar é preciso, mas também é notório entender que não será tarefa fácil, todavia a partir de pequenas mudanças podemos evoluir e transformar o cenário escolar como, por exemplo, propor uma sala de aula invertida, na qual o estudante com AEE tenha uma função, dependendo das suas capacidades, estimulando-o ao trabalho em equipe, pesquisa de determinado assunto, socialização, enfim, enriquecendo seus saberes, sem deixar de reconhecer suas habilidades.

Desta maneira, é imensamente importante aprimorar os processos cognitivos dos estudantes

para que eles se sintam seguros e aptos a aprender. Já que no contexto educacional atual temos um professor para trinta estudantes, por exemplo, sendo que o professor precisa abordar de diferentes maneiras e com poucos recursos para trabalhar com a dificuldade de cada estudante.

De acordo com Ribeiro *et al.* (2014), existem procedimentos que devem ser adotados a fim de favorecer a inclusão, sendo eles:

[...] estimar a diferença entre os sujeitos, estimular o desenvolvimento dos estudantes com NEE dentro das suas potencialidades, ser capaz de se reinventar nos conceitos e práticas visando melhor atender o estudante para incluí-lo, ser empático com as dificuldades trazidas pela própria deficiência e advindas da rotina escolar, estar disposto a se aperfeiçoar em formações continuadas e ter atitudes que se mostrem a favor dos paradigmas inclusivos (RIBEIRO *et al.*, 2014, p. 12).

Desta forma, é possível depreender que a escola tem o papel de formar pessoas capazes de lidar com diferentes situações e que saiba conviver em sociedade, entendendo que não somos iguais, pelo contrário, somos todos diferentes e precisamos respeitar os outros, ter empatia, saber o seu lugar mundo, a partir do contexto escolar, sem desrespeitar ou prejudicar alguém. Para tanto, conforme sugerido pelas autoras é preciso reinventar a prática, a fim de atender essa demanda da melhor forma possível.

Sendo assim, acredita-se que o professor deve estar em constante aprendizado para melhorar sua prática, pois o saber docente está sempre evoluindo, assim como o conhecimento, então, necessita mais do que tudo, vontade e disposição para aprender.

Em suma, entende-se que de nada adianta realizar cursos de formação continuada, alterar o currículo das licenciaturas ou propor quaisquer outras modificações, sem dispor de vontade e tempo para aprender, a respeito desse público tão emergente de projetos, estratégias, incentivo, apoio, enfim, que precisam da atenção e do olhar atento do professor, são eles estudantes com necessidades educacionais especiais ou aqueles com altas habilidades ou superdotação, em que não se deve trabalhar de maneira geral, mas sim criando dinâmicas que respeite o seu diagnóstico.

## Procedimentos Metodológicos

Muitas são os autores que definem a pesquisa e seus métodos e, para essa pesquisa, optou-se pela utilização de autores renomados como Lakatos e Marconi (2010), para as quais a pesquisa é concebida por meio de etapas formais, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e, Gil (2010), para quem a pesquisa é realizada mediante conhecimentos acessíveis com a utilização de métodos e técnicas de investigação, envolvendo diversas etapas.

Sendo assim, esse estudo se caracterizou como uma pesquisa de natureza básica que, para Prodanov e Freitas (2013, p. 51), objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”.

A forma de abordagem da pesquisa orientou-se em Minayo (2002, p. 21), ou seja “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. No que diz respeito aos objetivos da pesquisa, é classificada como exploratória e descritiva que, para Gil (2010), busca apresentar a temática, com o objetivo de torná-la mais compreensível e, também, apresentar uma descrição mais detalhada de suas características.

A pesquisa é bibliográfica, e de campo foram considerados os procedimentos técnicos. Lakatos e Marconi (2010) afirmam que pesquisa bibliográfica procura explicar estudos monográficos a partir de referências teóricas tornadas públicas, podendo ser publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, dentre outros meios de comunicação.

A pesquisa de campo, também utilizada nesta pesquisa, trata-se de uma técnica utilizada para coletar dados, adquirir respostas para solucionar um determinado problema, comprovar

hipótese e descobrir novos fenômenos. Para fazer uma pesquisa de campo, devem-se ter os objetivos preestabelecidos dentro de um controle adequado, para que se possa saber o que deve ser coletado (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Trata-se de um estudo de caso que, na percepção de Gomes (2008, p. 04), está “no fato de ser uma estratégia para pesquisa empírica empregada para a investigação de um fenômeno contemporâneo, em seu contexto real, possibilitando a explicação de ligações causais de situações singulares”.

Foram convidados para ser sujeitos da pesquisa os professores do AEE do município de Jaguarão, RS. O total de professores de AEE são 08 e, participaram da coleta de dados 07 professores tornando-se assim, respondentes da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado contendo 12 perguntas abertas e fechadas. Foram considerados os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos com a legislação vigente.

Os questionamentos privilegiados nesta pesquisa foram: 1) Qual sua faixa etária? 2) Há quanto tempo você é professor? 3) Há quanto tempo você é professor na AEE? 4) Qual a sua formação acadêmica? 5) Em seu processo de formação acadêmica, você teve acesso às discussões sobre a Educação Inclusiva, Educação Especial, AEE, entre outros? 6) Você possui algum conhecimento em Língua Brasileira de Sinais – Libras? 7) Se sim, qual seu nível de fluência na Libras? 8) Você possui curso de Pós-Graduação? Se sim, em que área? 9) Você fez cursos de curta duração sobre processos inclusivos, Educação Especial, atendimento educacional especializado, etc? Se sim, quais foram? 10) Quais são as dificuldades enfrentadas na prática diária com o AEE? 11) Na sua opinião, quais saberes são fundamentais para o professor do AEE? 12) Como você se tornou professor do AEE? Conte-me sua história.

Na sequência apresentam-se os resultados e as discussões da pesquisa.

## Resultados e Discussões

Com relação a idade dos sujeitos da pesquisa, 14,3% (1) possui de 35 a 39 anos, 14,3% (1) possui de 40 a 44 anos, 42,9% (3) possuem de 45 a 49 anos e 28,6% (2) possuem de 50 a 54 anos. Todos os profissionais trabalham como professores e, destes, 28,6% (2) são professores há mais de 25 anos, 57,1% (4) entre 16 e 20 anos e 14,3% (1) entre 11 e 15 anos. Destes professores 42,9% (3) atuam na sala de AEE entre 11 e 15 anos, 14,3% (1) atua até 02 anos, 14,3% (1) atua 02 a 5 anos, 14,3% (1) atua 06 a 10 anos, e 14,3% (1) atua na sala de AEE entre 16 e 20 anos. Todos os profissionais tiveram em seu processo de formação acadêmica acesso às discussões sobre a Educação Inclusiva, Educação Especial e AEE.

Em relação a Libras 71,4% (5) possuem conhecimento em Libras e 28,6% (2) não possuem conhecimento, estes mesmos relatam 71,4% (5) possuem conhecimento básico, 14,3% (1) intermediário e 14,3% (1) conhecimento insuficiente.

A professora nº 1 tem entre 45 e 49 anos, é professora há quase 20 anos e, neste mesmo período de tempo, atua na AEE, tendo formação acadêmica em Pedagogia. Durante o seu processo de formação acadêmica teve acesso às discussões sobre educação inclusiva, Educação Especial e AEE. Possui conhecimento em Libras intermediário. cursou pós-graduação na área de Educação Especial, também têm cursos de curta duração em gestão em Educação Especial e estimulação precoce. Relata que a principal dificuldade enfrentada no seu dia a dia é a resistência dos professores em adaptar atividades e avaliações. Na opinião dela os saberes que são fundamentais para o professor de AEE são os de função e organização da AEE e práticas inclusivas.

Para a professora nº1,

Após concluir o curso de Pedagogia, fiquei muito encantada com Libras, fiz um curso e consegui um contrato como intérprete de Libras em uma escola municipal na cidade de Arroio Grande. Depois fiz especialização na área de Educação Especial, passei no concurso e fui efetivada em Arroio Grande e Jaguarão. Em 2014 passei na seleção do Mestrado em Reabilitação e Inclusão, concluído em 2016.

Dessa forma, é necessário entender que o educador vai ter dificuldades no seu processo já que, “em educação, formação dos sujeitos significa a construção mútua das pessoas que interagem de maneira cooperativa e reflexiva. Na sala de aula, interação professor/a e alunos/as, construindo-se mutuamente no processo de ensino-aprendizagem”. (MUNSBURG; DA SILVA, 2014, p. 6). Sendo assim, entende-se que é algo construído coletivamente, ambos vão aprender e aprimorar o conhecimento, de acordo com as necessidades dos alunos e a preparação do professor para o exercício de sua função.

A professora nº 2 tem entre 45 a 49 anos, trabalha há quase 20 anos como professora e, entre 11 e 15 anos como professora da AEE. Possui Magistério, Graduação em Pedagogia, Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Pós-graduação em AEE, comunicação alternativa e TEA, Mestrado em Educação. Durante o seu processo de formação acadêmica teve acesso a discussões sobre educação inclusiva, Educação Especial e AEE. Possui conhecimento básico em Libras. Fez cursos de curta duração sobre processos inclusivos, Educação Especial, AEE. Ela relata que as principais dificuldades enfrentadas na prática diária com o AEE “são a falta de preparo dos professores em geral de sala de aula e a exclusão pintada de inclusão, por parte de muitos”. Ela relata ainda que no AEE, “o público que mais a desafia são os autistas moderados a severos”. Para ela, os saberes fundamentais para o professor do AEE são “a Graduação em geral, algumas Pós-graduação na área e a compreensão do ABA”. Segundo a professora nº 2, “comecei na APAE e me apaixonei por Educação Especial. Fiz concurso para o município e fui aprovada, logo, estou no lugar que sempre desejei estar, auxiliando pessoas com deficiência.”

De acordo com Reis, Santos e Oliveira (2017, p. 45), “não é pela força da lei que se faz inclusão”. A concretização da inclusão requer na visão das mesmas autoras, “ações permanentes, investimentos, revisões, adaptações, parcerias, trabalho colaborativo e redes de apoio”. (REIS; SANTOS; OLIVEIRA, 2017, p. 45).

Em síntese, indo ao encontro do que a entrevistada afirmou, é possível depreender que, segundo “formar pessoas exige abertura ao outro, valorização do outro, gostar do que se faz pelo e para o outro.” (MUNSBURG; DA SILVA, 2014, p.9).

A professora nº 3 tem entre 40 e 44 anos e, também, é professora há quase 20 anos. Atua como professora na AEE há quase 5 anos. Tem formação em Educação Especial e Pedagogia Gestora, durante a sua formação teve acesso às discussões sobre educação inclusiva, Educação Especial e AEE. Declara não ter conhecimento em Libras, tendo apenas o básico. Faz cursos de curta duração sobre Educação Especial. Aponta que a maior dificuldade na prática diária com o AEE é a “família aceitar e levar o aluno para o atendimento da sala de AEE”. Na sua opinião, é fundamental que, “primeiramente se entenda o processo de inclusão para sanar as características principais de cada deficiência ou transtorno”. Ela relata como se tornou professora na AEE: “Me tornei professora de AEE na pandemia e estou até agora na função, já tive experiência há anos trabalhando em escolas especializadas na cidade de Pelotas”.

O professor nº 4 tem entre 50 e 54 anos, é professor há quase 15 anos e, nesse mesmo tempo, atua em AEE. Possui formação em Artes pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde teve acesso às discussões sobre educação inclusiva, especial, AEE e outros. Possui conhecimento básico em Libras. Fez cursos de curta duração relacionados ao autismo e metodologia de ensino. Relata como principais dificuldades enfrentadas na prática diária com AEE sendo elas, “ausência do plano individualizado dos docentes, ausência do AEE do PPP da escola e ausência políticas de formação por parte da mantenedora”. Para ele, “as políticas públicas, teorias da aprendizagem e metodologia ensino são os saberes fundamentais para o professor da AEE”. Este professor relata que se tornou professor da AEE a partir de um estágio na APAE.

A Professora nº 5 tem entre 35 e 39 anos, é professora há quase 20 anos e atua na AEE no máximo 2 anos. Possui formação em licenciatura plena em Educação Física e, durante a sua formação acadêmica teve acesso às discussões sobre educação inclusiva, Educação Especial, AEE e outros. Não possui conhecimento em Libras. Tem Pós-graduação em AEE, psicomotricidade e neuropsicopedagogia. Fez vários cursos de curta duração sobre processos inclusivos, Educação Especial e AEE. Para esta professora a maior dificuldade enfrentada na sua prática diária no AEE é “fazer com que os professores aceitem e pratiquem a inclusão”. Ela relata como se tornou professora e um pouco de sua história: “Comecei a trabalhar com a Educação Especial já na faculdade de

Educação física, em um projeto de dança com crianças com síndrome de *down*. Depois disso, quando pensei em uma alternativa para trabalhar 40 horas, fiz a especialização em AEE”.

A Professora nº 6 está na faixa etária dos 45 a 49 anos, é professora há mais de 25 anos e trabalha na sala de AEE entre 6 e 7 anos. Sua formação acadêmica é em Pedagogia com Pós-graduação em Educação, Psicopedagogia Clínica e Institucional e também em Educação Especial e Inclusiva. Durante a vida acadêmica teve acesso às discussões sobre educação inclusiva e AEE. Possui conhecimento básico em Libras. Fez vários cursos sobre processos inclusivos, Educação Especial, AEE que não consegue listar. Relata que a sua maior dificuldade é a “adaptação de alguns alunos do TEA (Transtorno do Espectro Autista) no ambiente escolar”. Elucida que “quanto mais souber da sua clientela melhor será seu desempenho no atendimento especializado”. Trabalhou durante 25 anos APAE e ao sair foi quase automático passar para o AEE. Ressalta que “quanto mais pesquisas, estudos, sobre a Educação Especial, maiores as chances de fazer uma sociedade consciente melhor para futuras gerações”.

A Professora nº 7 está na faixa etária dos 50 a 54 anos, é professora há mais de 25 anos, trabalha com AEE entre 11 e 15 anos. Sua Formação acadêmica é em Pedagogia e possui habilitação em classes excepcionais, durante a sua formação teve acesso às discussões sobre educação inclusiva, especial e AEE. Seu conhecimento básico em Libras e tem Pós-graduação em Psicopedagogia. Também possui cursos de curta duração em processos inclusivos, Educação Especial, atendimento educacional especializado, na UFSM. Relata que a principal dificuldade enfrentada na sua prática diária é a “falta de sensibilização dos professores, também relata sobre os saberes que são fundamentais para o professor na AEE são os de conhecimento sobre processos de aprendizagem”. Por ter um filho com deficiência buscou saber mais e acabou se apaixonando pela área, assim se tornou professora do AEE.

As declarações destes profissionais enriquecem o conhecimento sobre o perfil dos profissionais da Rede Municipal de Ensino de Jaguarão, RS mostram que os profissionais têm elevada qualificação profissional. Pois possuem cursos de curta duração, especialização na área que atuam e em outras. Dois professores também possuem mestrado. Com os relatos destes profissionais nota-se que há qualidade e conhecimento pedagógico para a sua atuação profissional e melhorando assim o seu trabalho, pois nota-se que cada um tem uma convicção bem formada individualmente sobre as dificuldades enfrentadas nas suas práticas diárias e alguns relatam o que pode ser melhorado.

## Considerações Finais

É sabido que o profissional docente precisa estar em constante atualização tanto dos conteúdos teóricos, quanto dos saberes práticos, aqueles que devem ser mobilizados, caso haja problemas na assimilação das temáticas e/ou habilidades que os estudantes precisam dominar.

Ao longo da profissão o professor vai se tornando mais experiente em relação a conteúdos, dinâmicas, sabendo dosar pontos positivos e negativos, a fim de obter êxito em sua prática na sala de aula. Para tanto, precisa integrar cursos de formação continuada, através de cursos, especializações, pesquisas, projetos de extensão, enfim, questões que englobam o saber com a ideia de que o professor é um estudante: ele aprende enquanto ensina e preocupado no ensino e na aprendizagem, em promover o entendimento de que, somos seres pensantes, portanto, precisamos nos posicionar frente a diferentes assuntos presentes na sociedade, sem deixar de considerar a bagagem necessária para uma profissão de excelência.

Os resultados mostram que a formação da identidade dos docentes que atuam no ocorreu por fatores externos e internos. Os fatos externos são durante a formação inicial, vivência universitária, através de estágios e/ou cursos, esses alunos levaram essa temática para a vida profissional o qual atuam hoje. Apenas uma professora relatou que se apaixonou pela área por um fator interno, que é possuir um filho com deficiência. Porém, há uma coisa incomum entre os profissionais: todos se sensibilizaram pelo tema quando o mesmo foi exposto em sua vida.

De forma geral os resultados da pesquisa vão ao encontro do que a literatura especializada

apresenta: é necessário formação e profissionalização para trabalhar com AEE. Os desafios apresentados pelos docentes não foram no sentido da necessidade de capacitação mas, sim, de diálogo e aproximação com o entorno do trabalho (outros professores e família) para que estes colaborem com o processo de ensino-aprendizagem já que este não é uma responsabilidade somente do professor do AEE.

## Referências

AGUIAR, M. da C. C. de. Implicações da formação continuada para a construção da identidade profissional. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 23, p. 155-173, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752006000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 jul. 2022.

ARRUDA, M. A; ALMEIDA, M. de. **Cartilha da inclusão escolar: Inclusão Baseada em Evidências Científicas**. Rio Preto: ABDA, 2014. Disponível em: <https://www.andislexia.org.br/cartilha.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

BECK, C. **Os 3 Saberes da Docência**. Andragogia, 2017. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/3-saberes-docencia/>. Acesso em: 08 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13146&ano=2015&ato=c4aUTW65UNVpWT495>. Acesso em: 08 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo a Vida**, 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias\\_1/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias_1/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf). Acesso em: 07 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 08 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. **Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**, 1989. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm). Acesso em: 08 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COURTOIS, B. *et al.* Transformations de la formation et recompositions identitaires en entreprise. In: BARBIER, J.-M.; BERTON, F.; BORU, J.-J. (Coord.). **Situations de travail et formation**. Paris: L'Harmattan, 1996.

FRANCISCHINI, R. F. **Identidade Docente e Educação Especial: perfil e história de vida de professores das salas de atendimento educacional especializado**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2016. Disponível em: [https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/bitstream/123456789/423/1/dissertacao\\_francisquini\\_2016.pdf](https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/bitstream/123456789/423/1/dissertacao_francisquini_2016.pdf). Acesso em: 6 jul. 2022

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, A. A. Estudo de Caso - Planejamento e Métodos. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, 2008.

IZA, D. F. V., *et al.* Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 08 jul. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1990.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNSBURG, J. A. S.; DA SILVA, D. R. Q. Constituição Docente: formação, identidade e professoralidade. *In: Seminário Internacional de Educação*, 14. 2014, Novo Hamburgo. **Anais [...]** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2014. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/c735bc84-d79f-4e7a-9ef3-51415c94f684/CONSTITUI%C3%87%C3%83O%20DOCENTE%20FORMA%C3%87%C3%83O,%20IDENTIDADE%20E%20PROFESSORALIDADE.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

NASCIMENTO A. Q. do; FAUSTO I. R. de S.; SANTOS, M. S. dos; FERREIRA M. R. P.; SANTOS S. S. dos; JÚNIOR C. A. B. **Os saberes da experiência e suas implicações na formação docente**, 2019. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/os-saberes-da-experiencia-e-suas-implicacoes-na-formacao-docente>. Acesso em: 27 jun 2022.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, M. B. de F. **Política Pública, Diversidade e Formação Docente**: uma interface possível. 2013. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2013.

REIS, M. B. de F.; SANTOS, T. P. dos; OLIVEIRA, B. F. de. Educação na e para a Diversidade: a busca pelo exercício da alteridade. *In: REIS, M. B. de F.; LUTERMAN, L. A. (Org). Interdisciplinaridade na Educação*: redimensionando práticas pedagógicas. Anápolis/Goiás: UEG, 2017.

RIBEIRO, D. M.; SILVA, M S. da; LUSTOSA, F. G. Os saberes que mobilizam as práticas inclusivas na escola: reflexão situada em revisão bibliográfica. *In: ANDRADE, F. A. de; RIBEIRO, D. M.; MUNIZ NETO, J. S. (org.). Educação brasileira*: caminhos a percorrer. Curitiba: CRV, 2018.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

Recebido em 12 de novembro de 2022.

Aceito em 21 de novembro de 2022.